

VOZES-MULHERES E A (ESP)HERANÇA DA “ESCREVIVÊNCIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

WOMEN'S VOICES AND THE (ESP)HERITANCE OF “ESCREVIVÊNCIA”, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Luciana Pereira Queiroz Pimenta Ferreira¹
Luísa Consentino de Araújo²



Colagem montada a partir de fotografia de Juh Almeida (CLÁUDIA, 2022)

¹ Doutora em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre em Filosofia Social e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, bem como em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Colider do Grupo de Pesquisa Direito e Literatura: um olhar para as questões humanas e sociais a partir da Literatura – LEGENTES (PUC Minas – CNPq). Membro do Grupo de Pesquisa Mulheres em Letras (FALE/UFMG – CNPq). Membro da Rede Brasileira de Direito e Literatura – RDL. E-mail: pereirapimenta@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2493631813594136>. Orcid <http://orcid.org/0000-0002-4758-1354>.

² Mestranda em Direito e Justiça pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Direito pela Universidade Metodista de Piracicaba. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG/PAPG. Membro do Grupo de Pesquisa Direito e Literatura: um olhar para as questões humanas e sociais a partir da Literatura – LEGENTES (PUC Minas – CNPq). Membro da Rede Brasileira de Direito e Literatura – RDL. E-mail: consentinoluisa@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2568690168541243>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0553-0495>.

RESUMO

Este texto se propõe a revolver as escritas de Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus lidas e escutadas como *vozes-mulheres*, que comparecem e seguem ecoando na escrevivência de Conceição Evaristo. O objetivo é reconhecer no corpo-escrita, corpo-letra dessas escritoras a herança sobre a qual atua a escrevivência, borrando a imagem do corpo-objeto da mãe preta escravizada, de modo a relançar a (esp)herança do corpo-escreviente.

Palavras-chave: escrevivência, vozes-mulheres, herança, corpo-escrita, Conceição Evaristo.

ABSTRACT

This text proposes to revolve the writings of Maria Firmina dos Reis and Carolina Maria de Jesus read and heard as *Voices-Women*, who appear and continue echoing in the writings of Conceição Evaristo. The objective is to recognize in the body-writing, body-letter of these writers the inheritance on which writing acts, blurring the image of the body-object of the enslaved black mother, in order to relaunch the (sp)heritance of the body-writing.

Keywords: Writing; Voices-Women; Heritage; Body-writing; Conceição Evaristo

Prólogo - Grafias-desenhos e foto-grafias em rasura: modos de ler e escrever

Começar por uma imagem-epígrafe. Uma foto-grafia rasurada – montagem – a plantar flores em uma das fotografias de Conceição Evaristo com sua filha, Ainá, na edição do mês de novembro de 2022, da Revista Cláudia (CLÁUDIA, 2022). Na capa e no miolo da Revista, fotografadas por Juh Almeida, o corpo de mãe e filha subscrevem “A vida-poema de Conceição Evaristo com sua filha, Ainá”, título da edição dedicada a Conceição.

Na foto-grafia de capa, Ainá aparece sentada no colo de Conceição, à luz do sol, quando, agora, são de Conceição o que outrora foi de sua mãe, os “Olhos d’água”: “Em nenhuma outra imagem, porém, os olhos de dona Conceição Evaristo brilharam tanto como quando sua filha, Ainá, sentou-se em seu colo. ‘É a foto mais bonita do mundo’, sentenciou. Eis a nossa capa de novembro...” (CLÁUDIA, 2022). Uma filha no colo da mãe. Como ler essa imagem que não se deixa traduzir senão pelo esforço geracional de

fazê-la dizer, na voz da própria filha, todas as *vozes-mulheres* que a antecede e lhe dão ali, naquele colo, que é também o seio da vida, o tempo-lugar do alimento que funda e refunda a voz, o canto anterior aos sentidos, a língua que reverbera a história de uma vida, sua escrevivência, e todo seu passado por vir?

A foto-grafia rasurada por nós, entretanto, é outra. Numa superposição de gestos-imagens, plantam-se flores lilás, de diferentes tons, tanto nas mãos de Ainá, quanto numa coroação materno-floral de Conceição, além daquelas que se plantam ao fundo dos corpos, roxas, donde brotam as mãos de Conceição, tecendo os cabelos de Ainá. Começar, tal vez, esta vez, este prólogo, no rastro da grafia-desenho reconhecida por Conceição como o primeiro sinal gráfico herdado de sua mãe:

Talvez o primeiro sinal gráfico que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe. Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda?” Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas (EVARISTO, 2020a, p. 49).

Começar por esse gesto de assumir uma herança, atuando sobre ela, como, de resto, é o que se pode fazer como uma herança. Começar lembrando que uma herança é, talvez sempre, uma herança ancestral, assinada por muitos corpos, que não se dão a nomear, um a um, antes no texto que se lê, com tudo o que se leu de outros corpos-textos-mãos-e-vozes. Começar lembrando ensinamentos herdados que dão contornos e sentido ao lápis, antes graveto, e ao papel, antes terra lamacenta onde se desenhava um grande sol, caminhante e a caminho, cheio de infinitas pernas. O sol que comparece, hoje, tendo aí alcançado, a iluminação dos corpos de Conceição e Ainá, seja na foto-grafia de capa, seja nesta que elegemos como foto-grafia epígrafe.

Borrando a imagem do corpo-objeto da mãe preta para relançar a herança do corpo-escrevivente

Ao abordar a questão da herança (1994; 2004), Jacques Derrida escreve que não escolhemos nossa herança, mas escolhemos como atuar sobre o que herdamos. A herança, nesse sentido, compreende um processo escolhas performáticas que caracterizam nossa atuação sobre o que herdamos, provocando deslocamentos e incorporações sobre aquilo que passa a nos constituir: “é *preciso* filtrar, peneirar, criticar, é preciso escolher entre vários possíveis que habitam a mesma injunção” (DERRIDA, 1994, p. 33, grifos no original), o que envolve um revolvimento de tudo o que vem antes de nós,

[...] *é preciso* (e este *é preciso* está inscrito diretamente na herança recebida), *é preciso* fazer de tudo para se apropriar de um passado que sabemos no fundo permanecer inapropriável, quer se trate aliás de memória filosófica, da precedência de uma língua, de uma cultura ou da filiação em geral. Reafirmar, o que significa isso? Não apenas aceitar essa herança, mas relançá-la de outra maneira e mantê-la viva. Não a escolher (pois o que caracteriza a herança é primeiramente que não é escolhida, sendo ela que nos elege violentamente), mas escolher preservá-la viva (DERRIDA, 2004, p. 12, grifos no original).

Por isso começamos com *Vozes-mulheres* (EVARISTO, 2017a)³, ali onde se dão a ouvir vozes de muitas gerações, o que muito têm a dizer sobre os percursos da literatura afro-brasileira, especialmente em sua vertente feminina. Nenhuma voz caminha só e, na travessia, uma voz se junta a outras tantas formando um *nós*. De modo que as camadas textuais de uma oralidade assumida como herança e performada no terreiro da literatura vão ganhando contornos éticos e estéticos na produção dos corpos-mulheres-negras, inscritas no próprio corpo: *corpo-escrita, corpo-letra, corpo-caminho...* (EVARISTO, 2017a).

No rastro de Jacques Derrida, esse corpo-mulher será abordado a partir de um movimento em que há a inversão de um *logos* universal, quando esse corpo vem à tona ou é trazido à evidência, deslocando e sendo deslocado historicamente. Em outras palavras, a “escrevivência como um fenômeno diaspórico” (EVARISTO, 2020b, p. 29), tem esse corpo-mulher não como presença (no sentido de origem), mas como um jogo de sentidos, os quais são construídos e, portanto, desconstruíveis.

³ No texto, utilizamos o itálico para as expressões de Conceição Evaristo, seja em sua crítica, seja em sua produção literária.

Assim, a escrevivência como uma estratégia político-discursiva de resistência (PIMENTA *et. al.*, 2021), inverte e desloca⁴ o lugar em que a mulher negra foi e é colocada no discurso literário (ou seja, desconstrói): a potencialidade desse *corpo-escrita, corpo-letra* (EVARISTO, 2017a) para além da junção dos termos “escrever” e “viver”, vida e ficção se (co)fundem, e, na escrita desse corpo-mulher-negra-que-escreve, há deslocamentos e novas histórias se performam através da palavra - *milenária letra* (EVARISTO, 2017a). De modo que há uma releitura e uma ressignificação da historiografia oficial, por meio dessas vozes que foram silenciadas e, incontáveis vezes, arrancadas do seu direito de maternar seus próprios filhos.

Assim, o projeto estético-político de Conceição Evaristo denominado escrevivência tem por germinal a imagem da mãe preta escravizada, com a finalidade de borrar e rasurar a imagem de um passado em que esse corpo-mulher era obrigado ao cuidado e a contar histórias às crianças das casas grandes, bem como era reduzido a um *corpo-prazer* e a um *corpo objeto* (EVARISTO, 2009, 2010). Trata-se, pois, de uma escrita de *teor testemunhal* (SELIGMANN-SILVA, 2003), que tem o trauma coletivo da escravização e seus reflexos no contemporâneo como ante-cena da palavra.

A escrita de Maria Firmina dos Reis como precursora da escrevivência: uma herança por vir entre vozes-mulheres

⁴ Segundo Pimenta e Araújo (2022, p. 539-540), “O deslocamento de significados apagados pelo logos é o que aproxima a desconstrução (Pimenta, 2016) da escrevivência: ‘A desconstrução exige uma atitude altamente ‘historiadora’ ou, dito de outro modo, há uma ‘solidariedade histórica’ da literatura com a história’ (Derrida, 2014, p. 82), presente nos deslocamentos e ressignificações engendrados na literatura. A força da oralidade, na literatura negra, por exemplo, embora empreendida na língua que causou o trauma – a língua do colonizador –, é resistência através do pretuguês (Gonzalez, 2020) e no uso de termos próprios às culturas africanas e afro-diaspóricas. Assim, no ato de corporificar vivências e memórias negras em um processo de tradução cultural afirmam-se, emancipatoriamente, direitos outros, tais como o direito à fala, à escrita, à memória, à existência (e resistência), enfim, direito ao próprio corpo, em sua composição ética e estética. Através dessa pó-ética corporal, o corpo negro é inscrito na poesia, performando o direito de significar e de se apresentar como contra narrativa. O corpo, ao se alforriar pela escritura, afirma uma identidade étnica e cultural, recuperando – e inscrevendo – no terreiro da literatura a sua resistência, de forma a conferir significado diferente às cicatrizes e queloides, que se deslocam da condição de marcas da desumanização da escravização (‘efígie de brancos brasões’) para o estatuto sacro-simbólico da força de uma ancestralidade.”

O por vir na/da escrevivência, no sentido derridiano de abertura, se mostra, também e sobretudo, como um por vir passado⁵, de modo a nos remeter à primeira escritora negra a publicar um romance no Brasil: Maria Firmina dos Reis. Antes da publicação da Lei Áurea de 1888, no auge da campanha pela abolição da escravatura e no auge de sua maturidade literária, temos o conto “A escrava”, publicado em 1887, no número 3 da Revista Maranhense. Seguindo o caminho de “Úrsula”, seu romance de 1859, “A escrava” marca a consolidação de uma literatura abolicionista no projeto literário de Maria Firmina (Zin, 2017), considerando as escolhas estéticas de conferir voz e humanidade às personagens negras: em outras palavras, “o negro enquanto *sujeito* de uma experiência histórica anterior à escravização, com vínculos afetivos, pertencimento territoriais e ética de existência coletiva” (MIRANDA, 2018, p. 277).

Maria Firmina dos Reis (1822-1917), nascida em uma família de mulheres – *vozes-mulheres* (EVARISTO, 2017a) – era descendente de uma ex-escravizada, e privilegiava, em sua produção, o “significante ‘liberdade’ para denunciar tanto o homem negro escravizado quanto a mulher em sua condição de subordinação” (NASCIMENTO, 2022, p. 66). Em sua trajetória, foi autodidata, tendo sido aprovada como professora primária na Vila de Guimarães, em concurso estadual realizado em 1847. Mulher à frente de sua época, em 1880, fundou uma escola⁶ para meninas e meninos, gratuita, em Maçarico, no Maranhão; mas, considerando a recepção negativa da sociedade de seu tempo, teve que fechar as portas em 1882.

Conforme Zahidé Lupinacci Muzart (2018), com base em pesquisas de Maria Lúcia de Barros Mott, Maria Firmina foi agraciada com o título de Mestra Régia, ante a conquista do primeiro lugar em História da Educação Brasileira, em 1880. Escritora de romance, poesias, contos, charadas e crônicas. Antes de Maria Firmina, no que se refere à autoria de mulheres, há Ana Luisa de Azevedo Castro (1823?-1869), que assinava com o pseudônimo “Indígena do Ipiranga”, autora da obra “D. Narcisa de Villar”, que

⁵ Em “Essa estranha instituição chamada literatura” Derrida faz uso da expressão “democracia por vir” (DERRIDA, 2014, p.51), não como democracia futura, mas como abertura à permanente releitura e ressignificação da história, uma passagem advinda do passado, o que também resta compreendido em “Espectros de Marx”: “ela provém disso que, por essência, ainda não proveio, sequer ainda veio, e que, portanto, fica por vir (DERRIDA, 1994, p. 42)

⁶ Zahidé Lupinacci Muzart (2018) cita Maria Josepha Barroso Pereira Pinto, a qual fundou uma escola mista antes de Maria Firmina, no sul do país.

foi publicada em capítulos, em 1858, no jornal carioca “A Marmota”. Antes ainda, em 1850, há a pioneira Nísia Floresta (1810-1885) com o romance histórico “Dedicação de uma amiga”. Entretanto, Maria Firmina é a primeira escritora negra a publicar um romance, no Brasil.

Sua obra é composta por “Úrsula”, em 1859⁷; “Gupeva”, em 1861; “A escrava”, em 1887; “Cantos à beira mar”, em 1871. Há, também, um álbum de recordações escrito pela autora a partir de 1853, publicado *post mortem* por Nascimento Moraes Filho, em “Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida”, em 1975. Maria Firmina também atuou junto aos jornais literários “Verdadeira Marmota”, “Semanário Maranhense”, “O Domingo”, “O País”, e “Federalista”. Segundo Eduardo de Assis Duarte (2004), Firmina foi importante para a preservação da tradição oral, atuando como folclorista. Além disso, foi a responsável pela composição do hino para a abolição da escravatura.

“A escrava” inicia com uma discussão entre “pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade” acerca do “elemento servil” (REIS, 2004, p. 241). A narrativa introduz uma senhora, a qual não é nominada em nenhuma parte do conto – o que diz muito sobre o lugar das mulheres no Brasil oitocentista – e de “sentimentos sinceramente abolicionistas”, que entende a escravização como um mal, de modo a ser o escravizado a vítima e os senhores os algozes. A partir de então, essa senhora passa a narrar uma vivência. Conta ela que ouviu gritos de angústia e observou uma mulher correndo para se esconder. Após, aparece um homem que procurava aquela mulher. Enquanto a senhora é tratada com cordialidade, a mulher negra fugidia é tratada como “uma negra que se finge de douda”, “maldita negra”, “preguiçosa”.

Após o homem ir na direção oposta à da mulher, conforme indicação da senhora, aparece um jovem ofegante, coberto por cicatrizes, e, em continuidade ao que trouxe em “Úrsula”, Maria Firmina escreve que “no fundo daquele pobre rapaz devia haver rasgos de amor, e generosidade” (REIS, 2004, p. 247). A senhora, sentindo compaixão, ofereceu ajuda; ao que o rapaz informou se chamar Gabriel e estar procurando a mãe que fugiu do “cruel feitor, que a perseguia”. A senhora levou o jovem até o local em que

⁷ Mesmo ano da publicação de “Trovas Burlescas”, de Luiz Gama; sendo ambos os “pais fundadores” da literatura afrobrasileira (DUARTE, 2004).

a mulher estava escondida. A mulher, de nome Joana, estava quase a morrer; e a senhora prestou socorro, levando-a a sua casa, onde a mulher passa a narrar a sua história.

Joana era filha de uma africana e de um indígena, o qual trabalhou para juntar dinheiro e comprar a liberdade da filha; porém, foi enganado pelo senhor que, ao invés de entregar uma carta de liberdade entregou tão somente um pedaço de papel com palavras sem nexos, as quais Joana soube ler após ser alfabetizada. Voltando ao presente, Joana pede que a senhora cuide do seu filho Gabriel, pois seus outros filhos - os gêmeos Carlos e Urbano - foram vendidos pelo senhor quando tinham oito anos de idade. Ao terminar de contar como eles foram capturados violentamente pelo traficante de escravizados, Joana dá seu último suspiro. A senhora, que era membro de uma sociedade abolicionista, cumpriu a promessa que fez à Joana e comprou a liberdade de Gabriel.

A maternidade da mulher negra, tão cara à escrevivência, se faz presente no conto. No discurso literário hegemônico, a mulher negra é representada como estéril, pois, o cuidado é destinado às crianças das senhoras brancas, e não à própria prole.⁸ Além disso, no “pós-abolição”, essas mulheres continuaram a cuidar e a amamentar essas crianças brancas, entretanto, esse papel da mulher negra foi apagado. Por essas razões, Conceição Evaristo questiona: “estaria a literatura, assim como a história, produzindo um apagamento⁹ ou destacando determinados aspectos em detrimento de outros, e assim ocultando os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira?” (EVARISTO, 2020a).

A escrevivência desconstrói esse *locus* literário, invertendo lugares, papéis e imagens, bem como as representações das mulheres negras, com especial destaque à maternidade. Nesse sentido, ouvimos aqui, as *vozes-mulheres* de/em Maria Firmina que muito tem a dizer das maternidades roubadas e a angustiante perda dos filhos: “— Ah! Se pudesse, nesta hora extrema ver meus pobres filhos, Carlos e Urbano!... Nunca mais os verei!” (REIS, 2004, p. 256).

⁸ Outro aspecto dessa esterilidade compreende a mulher negra como um *corpo-prazer*, a que fala Conceição Evaristo. Aqui, a figura da “mulata”, a qual é representada no discurso literário (e histórico) de maneira extremamente sexualizada.

⁹ Quanto ao apagamento, temos o trabalho de Rita Segato “O Édipo brasileiro”.

Temos, portanto, uma escrevivência plural que lança ao Direito e à História a abertura de novas vozes - *à nova grafia dos mais jovens* (EVARISTO, 2017a): “o sentido que damos ao por vir está aquém e além do futuro. Ele se refere à abertura da própria escrita, à porosidade da letra, à possibilidade, sempre outra, de que um novo texto seja escrito, a cada leitura”. Em outras palavras, “o por vir que se relaciona ‘à experiência de uma promessa empenhada, que é sempre uma promessa sem fim’”: essa promessa de reinvenção do mundo a partir do ato poético de con-fiança (PIMENTA; ARAÚJO, 2022, p. 545-546).

O por vir aqui se revolve e se assume como memória do passado: “aquilo que se lança como um ponto inacabado no tecido do mundo e da vida. Um tecido aberto, vazado, cheio de espaçamentos. Vista deste lugar, a literatura é sempre um lugar de partida e de chegada. Estamos sempre partindo e chegando na escrita do outro” (PIMENTA, 2023, s./p.).

Na face do velho
as rugas são letras,
palavras escritas na carne,
abecedário do viver.

Na face do jovem
o frescor da pele
e o brilho dos olhos
são dúvidas.

Nas mãos entrelaçadas
de ambos,
o velho tempo
funde-se ao novo,
e as falas silenciadas
explodem.

O que os livros escondem,
as palavras ditas libertam.
E não há quem ponha
um ponto final na história

[...]

Nos olhos do jovem
também o brilho de muitas histórias.
e não há quem ponha
um ponto final no rap

É preciso eternizar as palavras

da liberdade ainda e agora...
(EVARISTO, 2017, p. 91-92).

Essa grafia dos mais jovens é ressonância de uma tradição literária de *vozes-mulheres* (EVARISTO, 2017a), que nos movimentos de seus corpos, tecem a estética própria da autoria de mulheres negras, e que tem em Maria Firmina dos Reis o nascedouro de novas possibilidades po-éticas.

A voz sobre-vivente de Carolina Maria de Jesus: uma herança do corpo-escrita corpo letra

Dentre as *vozes-mulheres* herdadas pela escrevivência, a voz de Carolina ressoa como resistência ao lugar de subalternidade em que foi colocada. Durante o período em que morou na extinta favela do Canindé, em São Paulo, era catadora de papel e responsável pelo cuidado de seus três filhos; e, ousou, pela escrita, relatar o dia a dia da miséria na comunidade em que morava em seus cadernos. A obra “Quarto Despejo: diário de uma favelada”, foi escrita entre os anos 1955 e 1959, e publicada em 1960. As vivências de Carolina, na pele e no corpo, são as marcas de uma época em que se pleiteava o desenvolvimento, mas que, ao fazê-lo, excluiu o diferente e o colocou no “quarto de despejo”, distanciando-o dos grandes centros urbanos (ARAÚJO, 2022).

Os “Anos Dourados”, fase de transições, luxo e novas manifestações artísticas e culturais no pós-guerra, tem uma face oculta que é denunciada em Carolina. Temos que, além do retrato pormenorizado da “miséria brasileira e de suas assimetrias sociais ampliadas por biopolíticas de uma classe dominante, a revolução estética de Carolina situa-se não apenas no ato político de narrar o trauma da fome, do cotidiano de vidas marginalizadas”, mas, além disso, de “traduzir em palavras as multiplicidades das questões existenciais desses corpos-sujeitos” (ARAÚJO, 2022, p. 285). A ruptura provocada pela estética de Carolina não é decorrente de uma minuciosa escolha de palavras, de uma lapidação estética, mas sim é “‘literatura em estado bruto’, resultado contundente da ação de viver. É a experiência da vida transformada em mensagem literária” (FONSECA; SOUZA, 2006, p. 146).

Não obstante, é colocada como a “negra Carolina”, a “negra semianalfabeta”, a “excitante curiosidade” que “tinha algo a dizer”, conforme Audálio Dantas. Tal qual ocorrera com Maria Firmina dos Reis, que teve seu texto desprezado por Horácio de Almeida, Carolina é desprezada como escritora pelo jornalista que desqualifica a sua escrita e intervém em seu texto a fim de evitar a “repetição da rotina favelada”, ou a “frequência irritante da fome”, ou, ainda, corrigir erros de ortografia (DANTAS, 2014, p. 6-8). Observamos que ao tentar fazer uma interpretação, Dantas desconsidera a pluralidade do universo caroliniano, com sua escrita que, além de trazer a denúncia do empreendimento colonizador, com suas biopolíticas, cujas estruturas são o racismo e o capitalismo, traz elementos inovadores ancorados em uma oralitura (MARTINS, 2021) marcada pelas águas do Atlântico, sendo uma escrita desconstrutora e subversiva.

Nesse sentido, Fernanda Rodrigues Miranda ressalta outro aspecto a ser explorado no tocante à obra caroliniana: após mais de sessenta anos da publicação de “Quarto de despejo”, a leitura de Carolina fica circunscrita às imagens delineadas por Dantas (de uma favelada que escreve, que tem algo a dizer), ofuscando “a soberania da própria autora, na inteireza de sua produção e de seu projeto literário”, de modo que Carolina é, ainda, uma escritora a se descobrir (MIRANDA, 2021, p. 192).

Falemos de duas imagens: de um lado, temos uma mulher negra perto de um barraco, com vestimenta simples, um lenço na cabeça. Do outro, uma mulher negra, porém, ao contrário da iconografia anterior, esta está bem-vestida, com adornos nas orelhas e no pescoço, sorridente, conferindo autógrafos. O que essas imagens pretendem demonstrar? Por que a primeira imagem é a presente no imaginário em referência à Carolina? Qual a imagem que se tem, hoje, a de uma favelada ou de uma escritora?

São questões que são evidenciadas a partir da publicação de “Quarto de despejo”, em 1960, com as intervenções de Audálio Dantas e as estratégias de marketing que pretenderam ligar Carolina à imagem de favelada e à crítica social da miséria pela perspectiva do sujeito histórico oprimido, até então inédita. Na própria edição de 2014, pela Editora Ática, observamos a valorização desta temática ao trazer, ao final da obra, a ligação de Carolina à literatura e à fome.

Em sentido oposto, há tentativas contemporâneas de desconstrução do estereótipo de Carolina como “favelada” e do fato de sua produção literária ser

reconhecida apenas pelo seu primeiro diário. Dessas tentativas, citamos, apenas de forma ilustrativa, a exposição “Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros”, no Instituto Moreira Salles, e a publicação, por uma grande editora – a Companhia das Letras – da obra de Carolina a partir dos originais, sem nenhuma intervenção em seu texto. Importante destacar que, além da filha de Carolina, Vera Eunice de Jesus, Conceição Evaristo e outras mulheres negras vem trabalhando para a consecução desses projetos.

A obra literária de Carolina, iniciada em cadernos recolhidos do lixo, descartáveis, muito diz de sua escrita, de sua fome por ser escritora. Sua produção iniciada com a publicação de “Quarto de despejo”, foi seguida por “Casa de alvenaria: diário de uma ex favelada” (1961), “Pedacos de Fome” (1963), Provérbios (1963) e “Diários de Bitita” (1982), sendo este último uma obra póstuma; é uma literatura que precisa ser lida em suas entrelinhas, em suas tessituras, e em uma leitura para além da imagem de subalternidade.

Grada Kilomba ao abordar sobre o racismo cotidiano traz a máscara como imposição do silenciamento. A autora faz alusão à máscara colocada em Anastácia, mulher negra escravizada que, por apresentar resistência, foi silenciada com uma máscara de folha-de-flandres e um colar pesado de ferro. O caráter simbólico da violência e do silenciamento, da conquista e da dominação, do sadismo, Kilomba utiliza para demonstrar as posturas epistemicidas lançadas contra as mulheres negras que, por construção de um imaginário pautado na colonialidade, despreza a categoria de intelectual a essas mulheres. Vige nessas posturas o imperativo de que o poder enunciativo dessas mulheres tem que ser controlado, para que o sujeito branco continue a “manter e legitimar estruturas violentas de exclusão” (KILOMBA, 2019, p. 34). Nessa ótica, é importante retomarmos Lélia González ao tratar da experiência do feminismo afrolatinoamericano, especialmente do Brasil, quando salienta que à mulher negra são vinculados os estereótipos de *doméstica*, mãe preta e mulata (GONZÁLEZ, 2020).

Nesse sentido, o lenço de Carolina muito tem a dizer: a sua temática deveria ser restrita ao quarto de despejo, pois, ao adentrar na casa de alvenaria, não denuncia uma realidade que se quer ser negada, desconsiderada e controlada pelas estruturas

dominantes e homogêneas. Após o grande sucesso de “Quarto de despejo”, considerado *best-seller* com mais de dez mil exemplares vendidos nos primeiros dias de lançamento, e tiragem de mais de trinta mil cópias esgotadas em três meses, sua próxima obra, “Casa de alvenaria: diário de uma ex favelada” (1961), não foi bem recebida pelo público, e a Carolina foi recomendada o silêncio por Audálio Dantas na abertura do novo diário.¹⁰

Assim como Anastácia, cabia a Carolina a máscara, o silêncio, pois a subalterna não pode falar (SPIVAK, 2010). Nesse campo das trocas simbólicas, por outro lado, Grada Kilomba afirma que esses grupos apresentam, sim, resistência; entretanto, as posturas hierárquicas de uma supremacia branca, com binarismos e dualismos, demonstram a ordem colonial em que as escritoras negras se encontram, de maneira que essa máscara do silêncio visa retirar a legitimidade dessas vozes e a questão que fica é “quem pode falar” (KILOMBA, 2019, p. 51-52).

Carolina se opôs à máscara e, dos lucros advindos de “Quarto de despejo”, publicou, por seus próprios meios, “Pedaços de Fome” (1963) e “Provérbios” (1963). Quanto ao primeiro, destacamos que este não foi o título atribuído pela autora, mas sim pela editora em uma estratégia de marketing, considerando o sucesso do primeiro diário. Carolina nominou seu texto como “A felizarda”, pois, em sua ficção, narra os privilégios sociais da branquitude brasileira. Além da alteração do título, mais uma vez o texto foi alterado e expressões foram retiradas, por serem líricas e, portanto, incompatíveis com a “escritora vira-lata”. “Provérbios”, a sua vez, também não foi bem recebido. De acordo com Fernanda Rodrigues Miranda,

A questão, portanto, não incide exclusivamente na esfera do conteúdo (e da experiência que ele veicula), mas abarca antes um gesto de delimitar previamente a fala (definindo como a autora deve/pode falar).

A escrita de Carolina, nesse sentido, é captada através de um *pacto de referencialidade implícita*, que à espreita de fora da ficção, implicando no entendimento da escrita imanente uma realidade anterior ao discurso,

¹⁰ “Finalmente, uma palavrinha a Carolina, revolucionária que saiu do monturo e veio para o meio da gente de alvenaria: você contribuiu poderosamente para a gente ver melhor a desarrumação do Quarto de Despejo. Agora você está na sala de visitas e continua a contribuir com este novo livro, com o qual você pode dar por encerrada sua missão. Conserve aquela humildade, ou melhor, recupere aquela humildade que você perdeu um pouco não por sua culpa - no deslumbramento das luzes da cidade. Guarde aquelas “poesias”, aqueles “contos” e aqueles “romances” que você escreveu. A verdade que você gritou é muito forte, mais forte do que você imagina, Carolina” (DANTAS, 1961, p. 9-10).

responsável por produzir *a priori* os sentidos do texto. Um pacto que rege a forma como a autora é lida, resultando na perspectiva de que o texto caroliniano é sempre um retrato cru da realidade, ainda que tenha forma ficcional. Como se seu universo autobiográfico fosse irredutível a qualquer possibilidade de invenção, de fabulação, de imaginação, incompatível com expressões bonitas que pudessem “desviar” seu real explícito.

Em suma, quando Carolina Maria de Jesus surge no universo de circulação de discursos mediada pela valoração “escritora favelada”, a definição do sujeito que fala resulta na definição prévia da fala desse sujeito, transformando o universo autobiográfico em única via de concepção do universo literário (MIRANDA, 2019, p. 121, grifo no original).

A indiferença com a qual esses livros foram recebidos retoma a pergunta de Carolina em “Casa de alvenaria”: “será que o preconceito existe até na literatura? O negro não tem direito de pronunciar o classico?” (JESUS, 1961, p. 63-64).

O poder de fala, aqui entendido como um direito da pessoa, é tradução de uma oralidade e da escritura do corpo que, na literatura de Carolina, inscreve os atravessamentos de *vozes-mulheres-negras*, por meio do qual a máscara colonial imposta é desvencilhada em um grito de resistência. Essas geografias do corpo, levam à perspectiva da fome como existência, pois reclama, de acordo com a leitura do primeiro diário, a escrita, que Carolina define como um lugar de refúgio em meio às misérias. A fome por sua ficção é anterior ao “descobrimento” por Dantas, considerando os relatos da própria Carolina do envio de seus manuscritos às editoras e as rejeições recebidas (JESUS, 2014). Apesar dessas, em 1940, foi reconhecida como poeta e publicou “O Colono e o Fazendeiro”, no Folhas da Manhã e da Noite.

Posteriormente, em 1952, levou ao jornal Última Hora de São Paulo suas poesias. Identificada pelos jornalistas como “Carolina, a poetisa negra do Canindé”, a autora, em entrevista, afirmou o sonho de ser escritora: “Gostaria de escrever para o teatro. Ou para o rádio. Tenho várias novelas prontas. Mas há uma barreira que eu jamais pude transpor...” (JESUS, 1952 *apud* PERES, 2016, p. 95). Nesse sentido, segundo Elena Pajaro Peres, “a consciência dessa barreira e a capacidade de não desistir, tentando sempre ultrapassá-la, é um dos fatores que aproxima a escritora de forma contundente da história das diásporas africanas nas Américas” (PERES, 2016, p. 95). Carolina, para além do ato político de escrever, enfrentou o ato político de publicar ante as dificuldades decorrentes das invisibilidades étnica e social (EVARISTO, 2017b, p. 7-9), constantes nessas reticências.

“Todos os caminhos levam ao corpo” (SOUZA, 2021). Os caminhos da escrita de autoria feminina negra retornam a esses caminhos marcados no corpo e pelo corpo desde as águas do Atlântico. Em entrevista, Conceição diz que, apesar da imagem de Anastácia, as escritoras negras sabem “falar pelos orifícios da máscara” e a potência dessa fala é capaz de estilhá-la: “o estilhamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara” (EVARISTO, 2017c). É a rejeição ao silêncio. Carolina é *corpo-escrita, corpo-letra* (EVARISTO, 2017a), é escrevivência, pois reluta ao *locus* que insistem em colocá-la. A insubordinação da língua (EVARISTO, 2020b)

A fome, entendida aqui no sentido da existência, do esperar algo, se opor e resistir à realidade posta, é a metáfora presente no primeiro diário de Carolina para o seu desejo em ser reconhecida como escritora. Para além da denúncia em seus textos de uma sociedade assimétrica, há, nos entremeios de suas linhas a ânsia por ocupar um *locus* na literatura e ter reconhecida a sua obra e sua qualidade como escritora. Para além disso, a fome existencial de Carolina é uma política inscrita em seu corpo e a partir de seu corpo, ressoando vozes e produzindo ecos no *por vir*, residindo na poética da escrevivência sua chave ética e estética de leitura. Essa fome existencial, traduzida nos versos de Conceição, encontra no barulho “Da calma e do silêncio” sua morada:

Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.

Quando meu olhar
se perder no nada,
por favor,
não me despertem,
quero reter,
no adentro da íris,
a menor sombra,
do ínfimo movimento.

Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,

não me forcem.
Caminhar para quê?
Deixem-me quedar,
deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra
(EVARISTO, 2017a, p. 123-124).

A título de encerramento: os infinitivos-verbos-tempos da escrevivência em conjugações por vir

Ler uma imagem como quem sabe que a leitura não se esgota nas palavras. É preciso, antes delas, muito antes, ler a cor da cena, o tom da voz, o brilho nos olhos, o movimento das mãos e das pernas, o calor dos corpos a escrever o traço antes do grafo, ali onde o gesto e o movimento de todo corpo permitem a escuta de uma voz ancestral. Assim começamos.

Reconhecer o projeto estético-político-po-ético da escrevivência evaristiana como aquele que compreende uma possibilidade por vir de uma nova história, lida e relida a partir de outras vozes. No narrar o inenarrável e o indizível, nesses espectros de um passado-presente, há a ferida aberta pela colonialidade, a qual traduz-se em episódios de racismo cotidiano, frente ao trauma da *plantation* (KILOMBA, 2019). Nesses percursos de *pedras e flores* (EVARISTO, 2017a) é que foram encontradas duas das *vozes-mulheres* que compõem as heranças de Conceição Evaristo: Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus.

Colher na escrita por vir de Maria Firmina o gesto precursor do projeto estético-político da escrevivência, considerando que, desde “Úrsula”, além de conferir voz às mulheres negras - que também eram mães - trouxe elementos discursivos do cuidado com a própria prole, expondo, em ruínas e cicatrizes, uma maternidade ancestral apesar do modelo escravagista.

Enxergar em Carolina Maria de Jesus a “autora de uma produção literária marcada por um estilo advindo de uma forma-de-vida, notadamente inscrita em seu corpo” (PIMENTA; ROBERTI, 2020). Para além do caráter testemunhal em seus diários com relatos de uma fome como necessidade biológica e cuja cor é “amarela”

(JESUS, 2014, p. 44-45), de um cotidiano da miséria, da “favela”, ver na multiplicidade de Carolina - escritora, romancista, dramaturga, poeta, compositora, cantora, artista circense, entre outras – a potência de uma voz sobre-vivente, que segue habitando a escrevivência de Conceição Evaristo.

Escrever, atuando, nos infinitivos-verbos-tempos que seguem nos convocando à conjugação de *vozes-mulheres* que dão corpo à escrevivência de Conceição Evaristo. Verbos que, na forma verbal em que comparecem, no impossível gesto de concluir, (re)clamam a conjugação com outras tantas leituras por vir e seguem se mostrando como objetivos que se lançam à (des)construção escreviente de novos caminhos para a história e o direito.

...Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de escrita composto de múltiplos gestos em que todo o corpo dela se movimentava e não apenas os dedos. E nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão (EVARISTO, 2020a, p. 49).

Convidar, enfim, a esse ritual de escrita composto de múltiplos gestos e vozes. Reconhecer na foto-grafia que rasuramos, na montagem da epígrafe, que tecer os cabelos da filha também é um gesto-grafia que convoca o sol, um novo sol, na trama, na trança e na face do corpo da filha, que recolhe em si todas as *vozes-mulheres* que a antecedem. Também este, que envolve nossos corpos-leitores, a tecerem, de mão dadas com Conceição, novos percursos da e para a escrevivência. Esta é a sua e nossa (esp)herança, aquilo que nos constitui, enquanto (escre)viventes: uma aliança com a promessa do corpo-escrita para um outro acontecer da história.

Referências

ALMEIDA, Horácio. Prólogo. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Romance Original Brasileiro. Edição Fac-Similar. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1975. p. I-VIII.

ALMEIDA, Juh. Fotografias de Conceição Evaristo e Ainá. In: *Cláudia*. (Revista). São Paulo: Editora Abril. Editorial Helena Galante. Nov. 2022.

ARAÚJO, Luísa Consentino de. Nas “águas-lembranças” de Conceição Evaristo: ressonâncias, atravessamentos e formação discursiva afro-brasileira. In: PIMENTA, Luciana; BENTES, Hilda (org.). *LEGENTES: desconstrução e caminhos outros para ler em Direito e Literatura*. São Paulo: Dialética, 2022. p. 279-297.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

Cláudia. (Revista). São Paulo: Editora Abril. Editorial Helena Galante. Nov. 2022.

DANTAS, Audálio. Apresentação. In: JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: diário de uma ex favelada*. São Paulo: Livraria São Francisco, 1961. p. 5-10.

DANTAS, Audálio. Prefácio. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Ilustração Vinicius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 6-8.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. Escolher sua herança. In: DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã... Diálogos*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 9-31.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Tradução de Marileide Dias Esqueda. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, 118p.

DUARTE, Constância Lima. Na contramão do memoricídio. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Memorial do Memorocídio – escritoras esquecidas pela história*. v. 1. Montes Claros: Luas, 2022. p. 15-19.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina dos Reis. *Úrsula (romance); A escrava (conto)*. Florianópolis: Mulheres/Belo Horizonte: PUC Minas, 2004, p. 209 a 236.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e Afro-descendência. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 73-85.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Curso Estudos e Abordagens da Literatura; resistência e diversidade*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wh8kxk4JfWA>. Acesso em: 1 set. 2021.

EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, n. 1, p. 52-57, ago. 2005a.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza M. de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Idéia/Editora Universitária – UFPB, 2005b. s./p.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, jul./dez. 2009.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. *In*: PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010a. s./p.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. *In*: DUARTE, Constância Lima (org.). *Escritoras mineiras: poesia, ficção, memória*. Belo Horizonte: FELE/UFMG, 2010b. p. 11-17.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017a, 122p.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.

EVARISTO, Conceição. *Conceição Evaristo*: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. 13 maio 2017c. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 1 out. 2021.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 48-54.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 26-46.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; SOUZA, Florentina da Silva (org.) *Literatura Afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

GOMES, Heloisa Toller. Visíveis e Invisíveis Grades: Vozes de Mulheres na Escrita Afro-descendente Contemporânea. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 12, n. 15, p. 13-26, 2004.

GONZÁLEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, 375p.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: diário de uma ex favelada*. São Paulo: Livraria São Francisco, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Ilustração Vinicius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014, 199p.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LITERAFRO. *Carolina Maria de Jesus*. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 1 out. 2021.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar*. Poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIRANDA, Fernanda. Maria Firmina dos Reis em diálogo com romancistas negras brasileiras. In: DUARTE, Constância Lima et. al. (org). *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018. p. 275-288.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Corpo de Romances de Autoras Negras Brasileiras (1859-2006): Posse da História e Colonialidade Nacional Confrontada*. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. Trouxeste a chave? Ou: o sorriso de Carolina – Fernanda Miranda. *Revista Firminas*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 183-194, jan./jul. 2021.

MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora. In: DUARTE, Constância Lima et. al. (org). *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018. p. 21-37.

NASCIMENTO, Imaculada. Maria Firmina dos Reis (1822-1917). In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Memorial do Memorícídio – escritoras esquecidas pela história*. v. 1. Montes Claros: Luas, 2022. p. 65-69.

PERES, Elena Pajaro. Carolina Maria de Jesus, insubordinação e ética numa literatura feminina de diáspora. *In: ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; SANTOS, Taís Valente dos (org.). Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres.* Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2016. p. 89-97.

PIMENTA, Luciana; ROBERTI, Marina. A revolução Carolina Maria de Jesus e a carência de superação da miséria brasileira. *In: GONTIJO, Lucas de Alvarenga et. al. (org.). Direito, memória, democracia e crimes de Lesa Humanidade.* Belo Horizonte: D'Plácido, 2020. p. 39-57.

PIMENTA, Luciana *et. al.* A escrevivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência: uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em “Olhos d’água”. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 56, n. 2, p. 251-261, maio-ago. 2021.

PIMENTA, Luciana; ARAÚJO, Luísa Consentino de Araújo. “Corpo-escrita” na poética escreviente de Conceição Evaristo: A literatura como espaço para vozes por vir. *In: X CIDIL*, 10, 2021, On-line. *Anais do X CIDIL - As fronteiras em Direito e Literatura: Narrativas Insurgentes e Inquietações Contemporâneas.* Santa Maria: RDL, 2022. p. 534-549.

PIMENTA, Luciana; BENTES, Hilda (org.). *LEGENTES: desconstrução e caminhos outros para ler em Direito e Literatura.* São Paulo: Dialética, 2022, 347p.

PIMENTA, Luciana. Direito e Literatura como movimento de re-leitura e re-escritura do Direito: o método pr’além do método - articulações pluriversais de caminhos por vir, tal vez o direito à alegria. *In: FALEIROS, Taísa Haber; LIMA, Lucas Ferreira Mazete. (org.) Mimesis: O direito através da literatura.* São Paulo: Dialética, 2023. s./p.

REIS, Maria Firmina dos Reis. *Úrsula* (romance); *A escrava* (conto). Florianópolis: Mulheres/Belo Horizonte: PUC Minas, 2004, 236p.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais negras: Prosa negro-brasileira contemporânea.* 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes.* Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SOUZA, Assionara. Disponível em <http://primeiroesquerdopoesia.blogspot.com/2018/> Acesso em 01 de set. 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra Regina Goulart de Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, 174p.

ZIN, Rafael Balseiro. Maria Firmina dos Reis e seu conto A escrava: consolidando uma literatura abolicionista. *REVISTA XIX: ARTES E TÉCNICAS EM TRANSFORMAÇÃO*, [s.l.], v. 1, p. 142-161, 2017.

AGRADECIMENTO

Em relação à atuação da pesquisadora Luísa Consentino de Araújo, Mestranda em Direito pela UFMG, este trabalho conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado Minas Gerais – FAPEMIG.

Recebido em 20/05/2023

Aceito em 18/07/2023